



## "Duas ou Três coisas de Cinema" (e sem tempo)

**Lúcio Flávio Pinto**

Formado em Sociologia e Política - USP. Jornalista há 30 anos. Professor de Comunicação Social - UFPA. Editor do "Jornal Pessoal". Criador da página de cinema do Caderno Cultural de "A Província do Pará".

**S**ou daquelas pessoas para as quais o cinema não era apenas diversão (a última?) ou forma de conhecimento. O cinema era a vida. Algumas das mais remotas e agradáveis reminiscências guardadas na minha memória se referem a um salão de exibição escurecido, dirigindo-se pelo facho de luz até um celulóide revestido de existência autônoma. Tempos depois gastávamos boa parte do nosso tempo, em livrarias e bares, discutindo exatamente se o cinema tem uma linguagem própria no conjunto das formas de manifestação cultural do homem. Na época estava convencido que sim. Hoje, afastado das salas de projeção por essa alucinada criatividade enlatada dos clips em tela gigante, passei a ter minhas dúvidas.

Uma das mais longínquas recordações do cinema me coloca diante da ante-sala do cinema Olímpia, em Santarém, hoje transformado em centro comercial mal definido. Uma multidão de crianças esperando abrir a porta comercial principal para ver Alice no país das maravilhas, um dos vários desenhos animados semanais que marcaram parte das minhas origens. Fecho os olhos e vejo Libertad Lamarque e Pedro Armendariz provocando cascatas de lágrimas na platéia do Independência, revivificando nosso espírito de dramalhão. Outro fechar de olhos e contemplo-me na calçada em frente ao Poeira, no Largo de Nazaré, expondo gibis e fazendo trocas com os moleques antes de correr pelo extenso corredor até o salão mágico. Também é automática a imagem do moleque contido "furando" a entrada no Olímpia para ver o conjunto de filmes: o seriado antes e o faroeste depois.

Na minha formação, tenho marcas profundas do cinema americano. Embalei-me com Walt Disney, ri com Harold Loyd e Buster Keatin, caí seguidas vezes da cadeira por causa de Chaplin (quando não batia o assento para ajudar o mocinho a matar dezenas de mal-encarados índios com seu Colt de repetição as nauseas), sofri com os dramas & comédias B que lotavam a programação dos cinemas de província aos quais tive acesso. Os efeitos dos filmes dessa época começavam quando saíamos da

sala escura. Escavei e guardei preciosidades imitando Pablito Calvo. Também tentei falar com Deus, mas acho que nunca consegui a sintonia certa (numa dessas tentativas, na igreja do Carmo, em plena semana salesiana, saí arrastado pela orelha por um padre-conselheiro indignado com meu exame de consciência em altas vozes).

Tornei-me, assim, um pirralho americano na jungle amazônica. Sintomático que, pouco depois dos 30 anos, quando toquei pela primeira vez com meus próprios pés no território do Tio Sam, me sentisse em casa, com regressões mentais quase tão fortes quanto reais. Como um Hegel instintivo, eu transformara o plano ideal no rés-ao-chão real. Conhecia tudo e estava apenas revisitando o celulóide da minha infância. Provoquei estupor na escola lembrando tantos nomes de presidentes americanos, como nenhum cidadão do país ali presente conseguiu.



Charlie Chaplin





Louis Malle



Ingmar Bergman

Mas veio a idade da rebeldia, e o meu norte tomou rumo das Oropas. Passei de um pólo a outro, negando o que era a razão de ser da véspera, numa dialética mecanicista que o velho Engels, mais que o velho Marx, abominaria. Época de Godard, que, quem diria, visto de hoje parece um precursor dos clips - ao menos no plano da linguagem, para voltar às tricas & futricas do Bar do Parque, onde outrora também se intermediava bebida com cultura. Do verniz das coisas fui à sua essência, guiado por bufões, como Fellini, ou feiticeiros, como Bergman. Sofri, suci e pulsei com cada fotograma de Paixão de Ana, mas onde penetrei no abissal da alma foi com Louis Malle, nos Trinta Anos esta Noite.

Com esse karma voltei a Belém e aqui fizemos uma pequena época no caderno cultural de A Província do Pará, introduzindo o quadro de cotações, fazendo crítica telegráfica (menos palavras e mais idéias), indo atrás do contexto sem nos perdermos nas entrelinhas dos roteiros reconstituídos com falsa pedagogia, desafiando o gosto de até então, made in USA, era também o nosso. Mas fomos ligeiros. Tínhamos tarefas que julgávamos maiores - e eram mesmo: até hoje tento voltar ao mundo do cinema, sem êxito. E quando volto a escrever sobre ele é com esta pressa assassina, capaz de liquidar qualquer pretensão, porque tenho tarefas outras mil.

nas páginas vencidas da agenda e naquelas anotadas pela frente. O mundo onde eu podia ser uno e feliz já não é meu. Passo em frente à sala de cinema e não ouço vozes me chamando. E vou em frente. (Não é assim que caminha a humanidade, meu caro James Dean?)



James Dean